

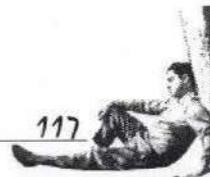




MÁRIO FAUSTINO

POETA DO MEU NORTE

Lília Silvestre Chaves
Mestre em Teoria Literária, UFPA,
e doutoranda em Literatura
Comparada, UFMG



*Il est incroyable que la perspective d'avoir un biographe
n'ait fait renoncer personne à avoir une vie.*

Cioran

Primero poema”

Ao F. Paulo Mendes, amigo.

Por que vos espantais se eu venho sobre as ondas?

Trago a paz e as distâncias vêm comigo
na boca tenho mundos e nos olhos palavras.
Ouvi-me.

Sabe-se o que é escrever poesia? Uma antiga e muito vaga mas ciumenta prática, na qual jaz o mistério do coração, responderia Mallarmé. É como se nada existisse e repentinamente alguém ousasse lançar-se a este jogo insensato de escrever, arrojarse, como o reflexo de uma divindade esparsa, perseguindo a virtude de uma dúvida – com um dever de tudo recriar, com reminiscências e surpresas, na lenta apreensão de uma certeza. Perceber a anterioridade da criação, uma somação do mundo e, “*sur le papier blême de tant d'audace*” (“sobre o papel lívido de tanta audácia”), retrucar, entre atônito e vaidoso: “Mas eu não sou Senhor / embora venham comigo a Música e o Poema / Por que vos ajoelhais se eu vim por sobre as ondas / e só tenho palavras? / Ouvi minha voz de anjo que acordou: / Sou Poeta”.³

Teria sido anjo ou demônio – como diria Lorca – a inspirar Mário Faustino na gestação lírica de palavras, incitando-o a libertar-se das cadeias da prosa, iniciando-o na profecia poética, impregnando-o de vestígios românticos e apontando-lhe a direção ambiciosa do vidente e do arauto do novo? E que outro anjo surpreso e vaidoso acordava naquele início de 1948, em Belém, cidade diluída – pela chuva, pela distância que a separa do Sul do Brasil, ou ainda pelo fantasma acalentado do reflexo de Paris? Ao retornar do impossível para si mesmo, o primeiro espanto foi do próprio Mário, que ofereceu suas palavras àquele que provocou nele o aflorar da poesia. O poema inicial ilustra esse misto de surpresa e de deslumbramento por sentir-se poeta, como se descobrisse pela primeira vez o verdadeiro sentido das palavras: “Minhas palavras. / Antigas porém há pouco descobertas”. Talvez pudéssemos repetir as palavras de Gide, segundo o qual a influência nada cria, apenas desperta. E então desponta um mundo aberto ao infinito, onde não há antes, nem depois, e sim a obra eterna: “Também há quantos séculos eu não escrevo poemas? / Há miríades de séculos, meu irmão”,⁵ escreveu Mário sobre o poeta que existia nele e que acabara de emergir.

¹ “É inacreditável que a perspectiva de ter um biógrafo não tenha feito ninguém renunciar a ter uma vida” (tradução minha).

² Cf. MALLARMÉ, Stéphane. *Quelques médaillons et portraits en pied*. In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1945, p. 481.

³ Versos finais do “Primeiro poema”. 21 fev. 1948.

⁴ Do “Primeiro poema”.

⁵ Do poema “Auto-retrato”. 25 abr. 1948.

Datado de 21 de fevereiro de 1948, datilografado em papel timbrado da Alfândega de Belém,⁶ trazendo, escritas à mão, na diagonal, as palavras “Para o Mendes não tomar o porre prometido” e a assinatura de Mário Faustino, o “Primeiro Poema” foi entregue, triunfantemente, a Francisco Paulo Mendes, no salão do Café Central. O “não”, grifado por Mário, deixa-nos ouvir a voz de Mendes que, no tom sedutor do desafio, prometeu embriagar-se caso um poema transbordasse naquele início de ano. As palavras refletem a alegria de Mário ao responder aos anseios do amigo, a quem dedica orgulhosamente o seu primeiro poema, desobrigando-o da promessa.

No dia 2 de abril, Mário correu à casa de Mendes, no meio da noite, dessa vez com um pedaço de papel em que datilografara, na frente, um poema e, no verso, tal um outro poema, a dedicatória:

M O T I V O D A R O S A	Na rosa somente a pétala inconsútil Inamissível lembrança Onde o perfume e a cor incompassível A beleza e apenas a passagem divina Impledosa e fugaz	MENDES NÃO POSSO ESPERAR POR ALGUM PAR TE DAR ESTE PRESENT QUE NASCEU HOJE <i>Mário</i>
-------------------------------	--	--

Mário Faustino.
2-4-48.

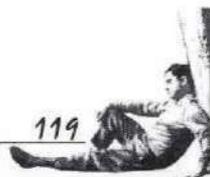
Mário escreveu dias depois o “2º motivo da rosa” (8 de abril). Mas, antes de compor esses dois “Motivos”, dos seus poemas os primeiros a serem publicados, ele tinha escrito, além do “Primeiro poema” (21 de fevereiro), o “Poema de amor” (23 de fevereiro), um “Auto-retrato” (25 de fevereiro), uma “Elegia” (6 de março, com a mesma dedicatória do primeiro: “Ao F. Paulo Mendes, amigo”) e uma “Ode” (7 de março). Ora românticos, pelo sopro de sonho que os banha, ora impressionistas, pela fugacidade do traço, esses textos são a efusão de uma alma sensível e contemplativa que descobre um mundo intermediário entre a vida e o sonho: “Donde esta paz o sono o sonho a sombra? / Apenas leves dedos sobre os olhos / somente a mão do anjo sobre o ombro”.⁷ O *leitmotiv* da rosa e o do anjo exalam o tom de Rilke, tanto na efusividade do início – “*Je suis le jour, je suis la rosée, [...] Moi: je suis ce qui commence*”⁸ –, quanto na ânsia de mudar quando a fonte se exaure, o que, para Mário, só acontecerá alguns anos depois, quando viajou para estudar nos Estados Unidos.

As datas contêm um mundo de informações não somente relativas ao tempo, elas dizem de gestos, revelam espaços e sentimentos, amizades, influências. As datas cravam as palavras no instante vivido, fazem parte do poema e com ele incorporam-se ao

⁶ O sr. Mascarenhas, avô de Mário, trabalhava na Receita Federal e Mário gostava muito de papéis timbrados...

⁷ Do poema “1º motivo do anjo”, 8 abr. 1948.

⁸ “Eu sou o dia, eu sou o orvalho. [...] Eu sou o que começa” (tradução minha).



⁸ MENDES, Francisco Paulo. O poeta e a rosa, primeira notícia sobre a poesia de Mário Faustino. *Folha do Norte*, Belém, 25 abr. 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 761, p. 1-3.

¹⁰ Cf. NUNES, Benedito. Entrevista filmada em sua casa. Belém, 30 set. 2000.

texto da biografia. Em novembro de 1947, Mário tinha sido apresentado a Francisco Paulo Mendes; em fevereiro de 1948, Mário escreve poesia. Essa aproximação foi o acontecimento mais importante desse período da vida de Mário Faustino e desencadeou uma profunda amizade que durou, em uma espécie de encanto, por volta de cinco anos. Naquelas reuniões do Café Central, Mário Faustino passou a levar os poemas para o Mendes ver. Este exultava com os poemas do Mário, enquanto os outros do grupo, apesar de enciumados, não podiam deixar de admirar também o poeta que surgia: “Nada mudou, apenas eu transbordo”, escrevia o poeta.

“Todo poeta novo é um novo profeta: anuncia uma nova idade. E é na palavra dele que nós depositamos a nossa esperança”: na mesma edição de domingo, os leitores da *Folha do Norte* foram surpreendidos duplamente. Além de encontrarem uma página inteira do “Suplemento, arte e literatura”, dedicada a um poeta novo, com dois poemas – “Dois motivos da rosa” – e a ilustração romântica de duas rosas, decalcada de uma das revistas européias assinadas por Francisco Paulo Mendes, os leitores depararam-se, na página seguinte, com uma longa e entusiasmada crítica de um dos intelectuais mais eminentes da sociedade paraense: “O poeta e a rosa, primeira notícia sobre a poesia de Mário Faustino”.

Dois anos depois da crítica de Francisco Paulo Mendes, que diz respeito a poemas de Mário que precedem *O Homem e sua hora* e que não foram incluídos nesse livro, em 31 de dezembro de 1951, ainda no “Suplemento” da *Folha*, um segundo comentário sobre o poeta foi feito por um Sr. João Afonso que se dizia crítico literário de passagem pela cidade e que, tendo lido e se interessado pela antologia dos “Dez poetas paraenses” publicada no “Suplemento” do domingo anterior, tomava a liberdade de mandar para o jornal algumas observações que a leitura lhe tinha sugerido. E passava a comentar, impiedosamente, um a um, todos os dez poetas, Mário Faustino entre eles. O artigo causou um alvoroço inesperado e provocou indignação entre os poetas criticados, indo atingir Haroldo Maranhão, o diretor do “Suplemento” (ele mesmo um dos poetas) no seu descanso, em Fortaleza, onde Mário Faustino também se encontrava. Tendo concluído que o artigo era de autoria de Francisco Paulo Mendes, Haroldo escreveu, imediatamente, um artigo combatendo a crítica mordaz do tal João Afonso que pretendia publicar no “Suplemento”, à guisa de resposta.

O autor da “crítica mordaz” sorriu. Depois de tanto tempo – por volta de cinquenta anos passados –, Benedito Nunes (que revelou, no “Suplemento” seguinte, ser ele o misterioso João Afonso) lembra-se perfeitamente do episódio: foi tudo uma idéia do Ruy Barata, que tinha ficado responsável pelo “Suplemento” durante as férias de Haroldo Maranhão.¹⁰ Esse episódio revela a força e a importância do “Suplemento” de arte e literatura da *Folha do Norte* (local, mas de amplitude nacional), naquele pequeno mundo da cidade

provinciana, em que os leitores se constituíam, na sua maioria, dos próprios colaboradores do jornal, compostos pelos dois grupos que atuavam na vida intelectual da terra: as gerações velha e nova que se entrecrocavam, uma desdenhando de certa maneira a outra. A brincadeira no jornal custou aos amigos alguns mal-entendidos, mas forneceu motivo para muitas risadas posteriores e animou e enriqueceu o “Suplemento” dominical da *Folha*, naquela virada de ano. Mesmo se tratando de uma simulação, o crítico que usou o pseudônimo de João Afonso esboçava com segurança as suas idéias sobre os primeiros passos de um poeta de cuja obra, mais tarde, seria o maior e mais fiel divulgador. Na verdade, essa foi a primeira vez que Benedito Nunes escreveu sobre Mário Faustino.

Depois da edição de *O Homem e sua hora*, em 1955, momento em que Mário Faustino “entra vitoriosamente para o grupo dos melhores poetas brasileiros”, segundo a referência de Eneida de Moraes na sua coluna “Encontro Matinal”, do *Diário de Notícias*,¹¹ muitas notas em jornais e revistas do Brasil fazem menção à obra. Destaco um comentário de Mário Chamie, que vê nos versos do poeta estreante “um novo padrão de sensibilidade estética”,¹² e uma longa análise crítica¹³ de Benedito Nunes, cujo gesto de promover a obra do poeta de *O Homem e sua hora* repetir-se-á várias vezes no futuro. Em cada publicação póstuma, Benedito será o organizador, apresentando, analisando, difundindo a poesia de Mário Faustino.

Hoje, no panorama da literatura brasileira, os autores que citam o poeta piauiense situam-no ao lado daqueles que tomaram uma direção diversa da chamada geração de 45. No prefácio de *Poesia de Mário Faustino*, Benedito Nunes considera a “arte da composição utilizada por Mário Faustino em *O Homem e sua hora*, liberta do dualismo matéria/forma”¹⁴ que preocupou a geração de 45. Waldir Ayala e Manuel Bandeira, na *Antologia dos poetas brasileiros*,¹⁵ falam de Mário Faustino como pertencente a “um grupo, menos que uma geração de 55 (ou 56?) [...] marcada por um lirismo metafísico [...], absolutamente autônomo na resolução de uma experiência pessoal”, porém sempre ligado aos acontecimentos artísticos de sua época. Assis Brasil, em *A nova Literatura Brasileira*,¹⁶ situa Mário Faustino, poeta sempre em busca de novos padrões da linguagem (na tradição de Mallarmé e Pound), entre a geração pós-modernista de 45 e as experiências de vanguarda. Ao lado de João Cabral e Ferreira Gullar, Mário Faustino seria, ainda segundo Assis Brasil, o poeta que antecipou e promoveu a experiência concretista. José Guilherme Merquior, no ensaio “Musa morena moça: notas sobre a nova poesia brasileira”, em *O fantasma romântico e outros ensaios*,¹⁷ refere-se a ele (junto com Ferreira Gullar e Mário Chamie) como representante de um novo estilo, emergente nos anos de 1950, mais radical, mais próximo das técnicas de expressão do modernismo mais novo, brasileiro ou ocidental. Para o Merquior de *O elixir do apocalipse*, Mário Faustino é “um neovanguardista autocolocado na confluência de Jorge de Lima e Ezra Pound”.¹⁸ Na *História da literatura brasileira*,¹⁹

¹¹ MORAES, Eneida de. Poesia e livros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1955, Encontro Matinal.

¹² CHAMIE, Mário. O Homem e sua hora (Mário Faustino). *Diálogo*, São Paulo, nº 3, p. 121-122, mar. 1956.

¹³ NUNES, Benedito. O Homem e sua hora. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 e 12 ago. 1956, Livro de Ensaio, caderno 2, Suplemento Dominical, p. 10 e 6.

¹⁴ NUNES, Benedito. Introdução. In: _____. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966, p. 12.

¹⁵ AYALA, Waldir; BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros: Poesia da fase moderna, v. II*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967, p. 129.

¹⁶ ASSIS BRASIL, Mário. Faustino. In: _____. *A nova Literatura Brasileira*. v. II. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana/MEC, Brasília-INL, 1975.

¹⁷ MERQUIOR, José Guilherme. *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

¹⁸ MERQUIOR, José Guilherme. *O elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 131.

¹⁹ MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. Modernismo*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.



Massaud Moisés cita Mário Faustino, cuja obra poética foi produzida nos anos áureos da vanguarda, como um poeta que procurava novos experimentos e buscava a tradição na modernidade “para além do humor e do prosaísmo cultivados pelos de 22”, diferenciando-se do clima de 45 “pela desejada metamorfose do verso”. Pedro Lyra, por sua vez, concentra na figura de Mário Faustino todos os requisitos fundadores do que ele chama de Geração-60.

Último *verse maker* competente da sua geração, Faustino estaria preso ao nó mallarmaico, na opinião de Augusto de Campos, que considerava sua crítica pragmática, ideográfica e criativa.²¹ Para Haroldo de Campos, Faustino era um poeta aberto ao novo, “dotado de um manuseio dúctil e sutil das técnicas do poema em verso, capaz do fragmento e da ruptura, sempre sensível aos experimentos da poesia concreta, embora, na sua produção pessoal, conservasse ainda certos elos com a tradição discursiva”.²² Em “Crítica literária no Brasil, ontem e hoje”, palestra publicada em *Rumos da crítica*,²³ Benedito Nunes, comentando a participação dos poetas-críticos no debate da crítica sobre a linguagem poética, une o nome de Mário Faustino, que defende a harmonia entre o novo e o tradicional, aos de Décio Pignatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Ferreira Gullar e Mário Chamie.

Há alguns traços biográficos de Mário Faustino e comentários críticos sobre sua obra na *História concisa da literatura brasileira*,²⁴ de Alfredo Bosi. Ivo Barbieri dedica-lhe um livro inteiro de crítica, *Oficina da palavra*,²⁵ em que procede a uma leitura intertextual e intratextual de sua poesia, e Albeniza Chaves publica sua tese *Tradição e modernidade em Mário Faustino*,²⁶ resultado de uma leitura de *O Homem e sua hora*. Também surgidas na academia, duas teses sobre Mário Faustino devem ser citadas: a de livre-docência de Antônio Manoel dos Santos, *Poesia e poética de Mário Faustino*,²⁷ e a de doutorado de Luciana Martins Müller, *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*.²⁸ No seu filme *Terra em transe*,²⁹ Glauber Rocha põe na boca de Jardel Filho versos de Mário Faustino e Italo Moriconi inclui “Balada” (Em memória de um poeta suicida) entre *Os cem melhores poemas brasileiros do século*.³⁰

As vozes que cito não são as únicas que dizem sobre ele, nos livros, revistas e jornais. Há outras referências em volumes de história da literatura e da crítica brasileira, em artigos disponíveis na Internet, em coletâneas de seus poemas e mesmo em uma antologia escolar.³¹ Notícias e comentários críticos nos jornais sempre acompanharam as publicações de seus livros.

Sem qualquer pretensão de ter sido exaustiva nessa revisão, percebi que a crítica biográfica que tornaria mais tênues os limites entre a obra e a vida desse poeta ainda estava por se fazer. No doutorado em Literatura Comparada, ao pensar novamente na questão da crítica de poesia e desejando voltar-me para outros rumos

²⁰ LYRA, Pedro (Org.). *Sincretismo: a poesia da geração 60*. Introdução e Antologia. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 92.

²¹ CAMPOS, Augusto de. Depoimento a Eliston Altman. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário.

²² CAMPOS, Haroldo de. Mário Faustino ou a impaciência órfica. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 189.

²³ NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: SENAC São Paulo: Itaú Cultural, 2000b, p.51-79.

²⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

²⁵ BARBIERI, Ivo. *Oficina da palavra*. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda., 1979.

²⁶ CHAVES, Albeniza. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986.

²⁷ SILVA, Antônio Manoel dos Santos. *Poesia e poética de Mário Faustino*. 2 tomos. 1979. 447 f.. Tese (Livre-docência em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, 1979.

²⁸ MÜLLER, Luciana Martins. *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*. 2000. 173 f.. Tese (Doutorado em Filosofia) - USP, São Paulo, 2000.

²⁹ TERRA em transe. Direção: Glauber Rocha. Produção: Zélio Viana. Roteiro: D. Felipe Vieira (José Lewgoy) vai assinar sua renúncia diante do quadro político constrangedor que vive Eldorado. Paulo Martins (Jardel Filho) tenta dissuadi-lo. Não consegue. Quando está indo embora é ferido mortalmente por policiais. Antes de morrer, declama pateticamente um poema, contando a história de Eldorado. A história de uma terra em transe, com suas contendas políticas, suas arbitrariedades, suas misérias, seus crimes. Intérpretes: Jardel Filho; Paulo Autran; José Lewgoy; Glauber Rocha; Paulo Gracindo e outros. Estúdio de som Herbert

no encaço dessa crítica nova, cuja bússola aponta para uma crítica da literatura (reunindo teoria e história) que dissolve os limites antes traçados entre obra literária e vida pessoal, foi em Mário Faustino que pensei. Mário, poeta do meu Norte; Mário, sem biografia; Mário, de obra e vida fragmentadas.

Um certo mistério que cerca seu nome animou minha decisão: se Mário Faustino fez o mais ágil e inteligente jornalismo literário do Brasil, se foi um dos nossos maiores críticos literários militantes, se o lançamento de seu livro *O Homem e sua hora* tornou-se um dos principais acontecimentos da poesia brasileira dos anos 50, por que havia tão pouca referência à sua vida? Decidi preencher essa lacuna e escrever (como tese de doutorado) uma biografia literária de Mário Faustino. Partindo do princípio de que Mário Faustino concebeu a vida construindo a sua maneira de ser e de ser visto, como se vivesse em ritmo de (auto)biografia, empreendi fazer da obra e da vida o assunto de uma biografia, como um todo, inserindo a questão do gênero biográfico na esfera da ficção e da crítica. Além de contrafazer a vida do poeta, recriando-a com base nos pólos distintos de uma experiência vivida e imaginada, tentei unir à sua vida, não apenas a poesia, mas também toda a sua produção literária, teórico-crítica e extraliterária, inserindo-as em uma história política, cultural e artística.

A história de Mário Faustino dos Santos e Silva iniciou-se no Piauí, no dia 22 de outubro de 1930. Mas, se em Teresina Mário Faustino chorou pela primeira vez, foi em Belém que ele atingiu a idade da consciência e iniciou a invenção de si mesmo. A poesia encontrou-o em Belém. Muitos escritores o citam entre os poetas do Pará – mesmo nascido no Piauí, Mário Faustino era paraense.

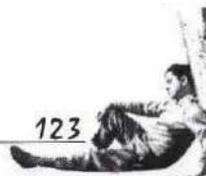
Quando Mário Faustino morreu, vários artigos, com homenagens e despedidas, foram publicados nos jornais. A morte de um jovem poeta, crítico e jornalista, aos 32 anos de idade, completados no mês anterior, com um livro de poemas publicado oito anos antes e tendo assinado em jornais de Belém e do Rio de Janeiro, teve alguma repercussão. Para Mário Faustino, a morte representava o início da vida, e a sua biografia não poderia deixar de começar por uma espécie de *tanatografia*: a grafia para a morte e a morte como grafia. Projetando o fim sobre o começo, depois de contada a morte, volto-me para o nascimento de Mário Faustino e continuo a história no ritmo sugerido pelo curso do tempo. Obedeço, dessa maneira, simultaneamente, à circularidade da ilusão biográfica (em uma biografia narra-se uma vida da qual já se sabe o fim) e à aceitação sensual dos instantes de que nos fala Sartre.

Para que o olhar pudesse enlaçar as várias direções, foi preciso alargar em torno do biografado o número de pessoas e movimentos, reconstruir seu meio, fazer reviver outros que o cercavam. Daí a tentativa de recriar a Belém de Mário Faustino, com o seu espaço social, o mundo da arte, os artistas de sucesso na época. A vida intelectual e

Richers; Laboratório Líder Cinematográfica, 1966/1967. 1 filme (115 min., son., preto e branco, 35 mm).

³⁰ MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 217.

³¹ REBELO, Marques. *Antologia escolar brasileira*. Belo Horizonte: MEC, 1967.



social na província, os saraus e salões – que contribuem para estruturar o campo literário (como farão, em outra escala, as revistas, os jornais e os editores) –, os cafés de encontro – o Café Central, espécie de salão cultural, que não existe mais e do qual nem uma fotografia foi ainda encontrada. Sua amizade com Francisco Paulo Mendes e com Benedito Nunes. O seu lugar de trabalho. O jornal. A vida da juventude intelectual de Belém, seus projetos e leituras: o grupo dos “novos”. As reuniões na “casa das tias”, a referência a cada uma delas – a Mimita em especial – com epítetos carinhosos. O início da vida de universitário, a rota de um poeta, desde os primeiros poemas, a primeira crítica, a temporada nos Estados Unidos e a viagem à Europa. De volta a Belém, o encontro com Robert Stock, poeta norte-americano, no Bairro da Matinha. E a trajetória social que se anuncia, as calçadas, os trajés – os passeios a pé, as roupas, a elegância, a escolha das gravatas, a moda: o *dandy* que era Mário Faustino.

Depois, o abandono do curso de Direito, a mudança para o Rio de Janeiro, a capital do Brasil, fervilhando de novidades, a publicação e a recepção do seu livro de poesia, a renovação do “Suplemento” do *Jornal do Brasil*, a sua atividade crítica na página “Poesia-Experiência” – incomparável no jornalismo literário nacional –, as exposições de Artes Plásticas e o movimento Noigandres (os mesmos passos trilhados para chegar a poéticas diferentes). Sua fase dita experimental. A influência da arquitetura da época nas outras artes. A atmosfera de liberdade e de desenvolvimento no país, com a eleição de Juscelino. A praia, o sol e o cuidado com o corpo que Mário Faustino cultivava. Sua homossexualidade e o pioneirismo de seus versos homoeróticos na poesia brasileira. Os amigos do Sul, os novos poetas, a angústia da evolução poética. A enorme experiência que adquiriu com a vida em Nova York e o trabalho na ONU, o amor de Oswald, a lenta e agônica escrita dos poemas-fragmentos destinados à composição do grande poema que sonhava publicar e que deixou inacabado. A volta ao Brasil e a viagem final – de tantas viagens na curta vida, a mais acabada de todas.

Escrever a vivência, tornar o vivido palavra é tarefa silenciosa e lenta, que se dá no avesso da poesia, como o recolhimento do ser na invenção da reminiscência. Como não há lembrança sem esquecimento, religar a biografia individual às características estruturais globais da situação histórica (datada e vivida) torna-se um processo vivo de recuperação da memória e de transmissão dos fatos passados às gerações contemporâneas e futuras. A vida e a obra de Mário Faustino oferecem uma interpretação e uma recriação crítica de nossa cultura. O desafio é diluir a poesia e a teoria na grafia da vida e encontrar métodos críticos que se mesclam ao enredo e concorram para a interpretação de um mito que faço meu. Essa é a proposta que me fascina, a de uma crítica que se situa entre a teoria e a ficção, entre o documento e a literatura, entre o referente biográfico e a arte, uma crítica que faz da vida, texto.

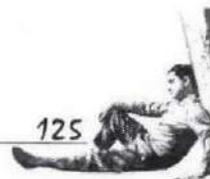
O ato biográfico põe em jogo inúmeros problemas, como os da viabilização da memória de outros, os da construção de uma personalidade, os da análise de textos, os do tom da narração. O biógrafo, ao tomar para si informações autobiográficas veiculadas em cartas, ao reproduzir fragmentos de declarações do biografado sobre si mesmo, funde, em seu texto, registros diversos como o da biografia, do testemunho (de amigos íntimos) e da autobiografia (em cartas e poemas). A biografia apresenta-se também como um texto crítico-literário. Roland Barthes, ao sugerir a um possível biógrafo: “Se eu fosse escritor e morto, como eu gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amistoso e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’...”,³² contradiz, de certa forma, as palavras de Cioran, citadas na epígrafe deste texto, no que diz respeito à reação de alguém diante da possibilidade de ser biografado.

Não se trata, para mim, nem de partir da interioridade de um autor, nem da posição do leitor, nem, como biógrafa, de modificar os cânones de um gênero. Trata-se de contar a vida de alguém que se exprime através de palavras, que se delinea em fragmentos de escritos, cartas, ensaios críticos; que se mostra nas escolhas poéticas de temas e palavras, nos poemas em geral; que se entrega à visão, nos recortes retangulares de fotografias. O segredo talvez seja fazer dessa biografia algo que pertença mais ao leitor do que a quem a cria, singular em si, mas plural enquanto relator das lembranças de outrem. Enquanto crítica, ao empreender esta *reescritura*, sinto-me submetida a uma aventura de reconhecimento, pois o que existe no mundo sobre o biografado e o que está na obra à *l'insu de l'écrivain* (“insabido pelo escritor”) e que seduz o leitor, tudo isso é uma espécie de ilusão compartilhada.

Hoje a biografia traz um outro sujeito para o texto: o biógrafo. Quem reinventa a história participa desta nova escrita. Malcolm refere-se mesmo à natureza transgressora do biógrafo, que não conhece limites ao penetrar nos mais íntimos detalhes da vida pesquisada, além de relatar as suas próprias experiências no papel de investigador.³³ Para atingir os objetivos traçados, precisei recolher os rastros que Mário Faustino deixou, seguir suas pegadas em solos e papéis, pisar nelas, recriá-las. Precisei voltar o olhar para o autor e para os bastidores da sua criação. Tocar seus rascunhos, suas anotações de leitura, frases abandonadas e riscos distraídos: seus vestígios pessoais e/ou autorais. Além de folhear febrilmente os livros de Mário Faustino, fui à busca das palavras fechadas nos arquivos (internos e externos) de outros escritores, concebendo a literatura como um arquivo maior, constituído das mais diversas fontes documentais, das mais diferentes culturas. Nesse rumo, outros livros acrescentaram-se ao meu percurso teórico. Livros ligados à memória e ao esquecimento e, talvez, também à amnésia (para usar a idéia de Silviano Santiago).

³² BARTHES, Roland. *Sades, Fourier, Loyola*. Paris: Éditions du Seuil, 1971, p. 14.

³³ MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



³⁴ Carta a Benedito Nunes. Rio de Janeiro, 4 set. 1956.

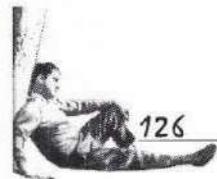
³⁶ Do poema "O Homem e sua hora" (*O Homem e sua hora*).

Os lugares de memória de Mário Faustino, em Belém do Pará, encontram-se reunidos, principalmente, em vários recantos da casa de Maria Sylvia e Benedito Nunes, na antiga Travessa da Estrela "(trav. da Estrela: cheiro de lama, capim, sapo, cachorro, livro, tudo *mixed up*)".³⁴ Assim como os arcontes foram os primeiros guardiões dos documentos da lei, Benedito Nunes tornou-se não somente o guardião dos papéis de (e referentes a) Mário Faustino, como também a autoridade publicamente reconhecida no que diz respeito ao espólio do poeta.

Um desses recantos é a estante repleta com os livros que pertenceram ao poeta, na biblioteca situada no mezanino da torre cujo primeiro andar serve de escritório ao filósofo Benedito Nunes. Outro fica em uma dependência da mesma biblioteca, uma pequena construção anexada à casa, e consta de um arquivo propriamente dito, composto por pastas cheias dos papéis deixados pelo poeta. O arranjo do material pode ser tão significativo quanto o próprio material. Aqui os papéis foram colecionados sem o aparato técnico de que hoje dispõem as bibliotecas públicas. O arquivo privado de Mário Faustino tornou-se parte do arquivo privado de Benedito Nunes. À escrita fragmentária de Mário correspondem pastas classificadas por datas obedecendo ao princípio de respeito à ordem original. Há escritos de caráter público, entrevistas publicadas, depoimentos, poemas recortados dos jornais, páginas do "Suplemento" do *Jornal do Brasil*, e escritos mais pessoais, que dizem respeito ao processo de construção da identidade, entre eles grande parte de sua correspondência, rascunhos e cópias de poemas, e apontamentos sobre uma antologia que ficou inacabada.

O arquivo de Mário Faustino está guardado em uma enorme gaveta de um desses móveis de ferro, aberta para mim por Benedito Nunes. A imagem de um túmulo onde jazem os papéis e a memória do poeta, na casa da Estrela, recupera a vontade do pai-irmão de Mário, de um enterro simbólico, mas verdadeiro. As pastas enfileiram-se, catalogadas. Amareladas realmente, muito antigas, tanto quanto os papéis que guardam, elas não jazem inutilmente. Várias vozes encontravam-se ali, à espera de que eu profanasse aquele solo: "E quem nos erguerá deste sepulcro?"³⁵

Duas metáforas misturam-se na linguagem faustiniana que se podem referir ao arquivo: a do corpo e a do solo. Atadas à idéia de semente, ambas conciliam vida e morte, idéia impressa em cada gesto ou palavra esboçados por Mário Faustino, desejados por ele ou pelo olhar daquele a quem coube interpretar esses momentos de início e fim da sua existência e de sua obra, fragmentadas e breves. O sêmen é a linguagem aguardando a descoberta e a interpretação. O terreno semeado é o mesmo solo em que se enterram os despojos, pedaços do corpo agora letra e imagem e, mais do que nunca, palavra e gesto.



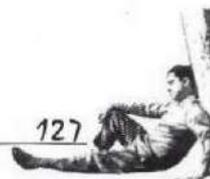
Voltei-me para aquele móvel nada sofisticado, um arquivo comum de escritório usado para facilitar aquilo que o dicionário chama simplesmente de “a guarda sistemática de documentos ou papéis”. E repentinamente tudo se animou. A sala encheu-se de uma imensa e palpitante espera; o silêncio, que não é perturbado por nenhum sussurro de leitores irrequietos, carregou-se de mil forças, como se a pequena biblioteca se tornasse o palco no qual uma ação deveria desenrolar-se. A espera, infinita, sempre em curso, sem horizonte acessível, a impaciência absoluta de um desejo de memória,³⁶ predita nos versos de Mário Faustino – “o resto – silêncio! / sabereis quando nascer / o fruto cujo sêmen planto agora / na boca duma noite contraurora”³⁷ –, atingia um de seus fins. Eu não tinha sido a única a tocar aquele corpo, mas, para mim, a história começava naquele momento.

Desdobrei jornais que registraram fatos públicos da história de Mário que, de tão comprimidos entre tantos papéis, pareciam destinados a permanecer dobrados para sempre – ao abri-los, corre-se o risco de danificar papel e momentos de vida. Encontrei as cópias de suas crônicas da “Vida Social” publicadas em *A Província do Pará* (de 1947 a 1949); os “Suplementos Literários” da *Folha do Norte* (com os primeiros poemas); algumas das crônicas “Cartas americanas” que durante algum tempo Mário enviou dos Estados Unidos; artigos de crítica de cinema; ensaios críticos, comentários, traduções e resenhas publicados no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, em que ele assinou por pouco mais de dois anos a página inteira de crítica de poesia (de 23/9/1956 a 1/11/58). Além de poemas esparsos publicados em vários jornais e que só foram editados em livros depois de sua morte, há também notas sobre o lançamento do seu primeiro livro de poesia, comentários críticos sobre sua poética e vários artigos sobre sua morte trágica. Algumas revistas da época, com poemas e contos de Mário Faustino, completam o acervo relativo à sua obra na imprensa.

Os fragmentos da obra que ele deixou e o nada a que seu corpo foi reduzido acabaram por se reunir em um *corpus* único (Benedito Nunes insiste na unidade e na suficiência do seu arquivo). Abrigados e dissimulados (o mistério permanece em torno de alguns papéis), articulando-se metonimicamente em antigas pastas de papel pardo, na primeira gaveta de um móvel cinzento e pesado. Esse arquivo instituiu-se a partir da morte do poeta, mas vinha se preparando passo a passo durante a sua vida, fragmentado pelas datas das cartas de mão única, as vozes que responderam para sempre emudecidas, não tendo sido arquivadas pelo poeta. Aos papéis colecionados por Benedito Nunes foi acrescentado o conteúdo da caixa que Mário Faustino deixou com sua mãe, rascunhos, manuscritos de poemas, alguns inacabados, projetos poéticos. Vários amigos do poeta enviaram o que haviam guardado. Cópias de poemas e uma foto dedicada vieram de Francisco Paulo Mendes.

³⁶ Cf. DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 9.

³⁷ Do poema “22-10-1956”.



Sobre o móvel, encontram-se dois álbuns de fotografias. Não são muitas as fotos de Mário Faustino reunidas no arquivo de Benedito Nunes. Trinta e dois anos em dois pequenos álbuns. Um deles conserva ainda o manuseio da família nas ranhuras, na capa gasta, nas folhas descosidas e no amarelo do papel de seda: o álbum de família, com fotos da sua infância, em Teresina e em Belém, misturadas a personagens desconhecidos e, mais particularmente, com fotos da irmã-sobrinha – Maria Júlia. O outro álbum, novo, coleciona as fotos que o dono do arquivo recebeu ou recolheu. São fotos de Mário Faustino, entre 20 e 25 anos, umas tiradas em Belém, outras em viagens no exterior, duas ou três no Rio, instantâneos que, ao prescindir de seus autores, adquirem vida própria, tornam-se independentes para constituir a desordem do mundo previsto, fragmentado e imaginado.

A crítica biográfica, ao escolher tanto a produção ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica – desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais.³⁸ A idéia é escrever de maneira que o arquivo se confunda com o texto, tornando-se parte viva da própria narrativa – procedendo a uma espécie de metamorfose do arquivo em história de vida.

A projeção escrita cria um espaço-tempo que se vai compondo de acordo com as folhas de papel – a vida vista numa superfície e tornada palavra; o tempo encontrado não se superpõe, como em Proust, ao tempo perdido, e é outro o sujeito que o descobre para reencontrá-lo. Se a vida vivida é um borrão, é preciso que outras mãos a risquem, a corrijam e a exponham. Esse é o mistério do arquivo – túmulo que se pode abrir, guardando a possibilidade de despertar o seu conteúdo de um sono profundo, para se transformar no seu contrário: berço ou fonte novamente libertada.

A pesquisa provocou em mim o desejo de ir além do arquivo, de transcendê-lo, no sentido de procurar outros registros peculiares – trechos de obras, citações, transcrições de pensamentos, fatos relatados ou adivinhados da sua vida. Para analisar o processo de re-construção de uma existência, seria preciso partir de uma nova coleção, ou melhor, seria necessário re-colecionar o logos fragmentário de Mário Faustino (a expressão é de Foucault) transmitido pela leitura não apenas de seus escritos, mas também de suas máscaras, de suas meditações, de seus silêncios, usando-o como um meio para o estabelecimento de uma relação com o meu próprio exercício pessoal de escrita.

Em relação ao desenvolvimento do meu texto, o período que se estende de 1930, ano do nascimento de Mário Faustino, a 1950, ano em que ele inicia sua correspondência com Benedito Nunes, baseia-se em lacônicas informações biográficas colhidas nos poucos livros que falam de sua infância, em fotos eloqüentes, em

raras impressões da infância esparsas em cartas e em algumas histórias repetidas por Mário aos seus amigos e que ficaram, vagas, na memória desses últimos. A partir de 1950, data da primeira carta constante no arquivo, são as cartas de Mário Faustino que vão dar o rumo à minha narração durante todo esse ensaio. Mas tanto a sua obra crítico-literária (as crônicas, os poemas, os textos críticos, as traduções), quanto os depoimentos que colecionei (recordações de seus contemporâneos) afluem ao longo do meu texto, sugerindo situações e referindo-se às suas leituras ou ao seus afazeres profissionais, nas diferentes fases da sua vida. Ao contar a morte, por exemplo, além dos versos de Mário (em que a morte e o amor são temas constantes de louvor e premonição), são as manchetes e os artigos dos jornais da época – letras que substituem imagens impossíveis – que pontuam a narração posterior ao acidente que provocou a sua morte e a repercussão dessa morte no Brasil. Quanto às fotos de Mário Faustino, elas se colam ao texto para contar de sua infância e de sua adolescência até por volta de 1956, quando ele vai definitivamente morar no Rio de Janeiro. Haverá trechos de silêncio na produção poética, quando vamos ouvir os seus ensaios que unem a reflexão e a prática crítica. É dessa maneira, seguindo a corrente natural dos anos, que faço das lembranças dos outros (torno-me outra), das cartas (instantâneos em que fito uma alma) e das fotos (imagens que transformo em letras), o meu itinerário para contar seus passos inquietos pelas cidades que o conheceram, em sua vida tão curta e tão rica. Uma “Vida toda linguagem”.

